

Diferenças no uso e nas funções de meios prosódicos na fala alemã e brasileira e suas implicações para a transcrição com GAT 2

Ulrike Agathe Schröder¹
Mariana Carneiro Mendes²

Titel: Unterschiede im Gebrauch und in den Funktionen prosodischer Mittel im deutschen und brasilianischen Sprechen und ihre Implikationen für die Transkription mit GAT 2

Title: Differences in the use and functions of prosodic means in German and Brazilian talk and their implications for the transcription with GAT 2

Palavras-chave: GAT 2; transcrição; prosódia; estilo de fala

Schlüsselwörter: GAT 2; Transkription, Prosodie; Sprechstil

Keywords: GAT 2; transcription; prosody; speech style

¹ Professora Associada na Universidade Federal de Minas Gerais; Email: schroederulrike@gmx.com. Eu agradeço à FAPEMIG pelo apoio que recebo pelo *Programa Pesquisador Mineiro* (2015-2017) e ao CNPq pela Bolsa de Produtividade (2015-2018). Agradeço também à CAPES e à Fundação Humboldt pelo apoio financeiro que recebi dentro do programa *CAPES/HUMBOLDT Research Fellowship for experienced researchers* para a realização da minha pesquisa de pós-doutorado na Universidade de Münster na Alemanha de agosto de 2013 a julho de 2014. Também agradeço à Profa. Dra. Susanne Günthner pelo convite a trabalhar no Instituto de Estudos Germânicos na WWU, bem como à Senhora Hofer da International Office, à Senhora Filler do Departamento ERASMUS e aos Senhores Schuch e Januário de Sales do Brasilienzentrum da WWU pela ajuda na busca de voluntários para minha filmagem. Finalmente, agradeço à Senhora Sülzer e ao Senhor Böcker pelo apoio técnico durante a filmagem e na transcrição.

² Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Email: mcarneiromendes@yahoo.com.br. Agradeço à CAPES, pela bolsa de doutorado que tornou possível minha participação nessa pesquisa, e ao grupo Comunicação (Inter-)Cultural em Interação, pelo empenho no trabalho em equipe que viabiliza essa e outras pesquisas.

1. Introdução

Em 2012, iniciou-se o projeto *Comunicação (Inter-)Cultural em Interação* na UFMG, que busca constituir um corpus audiovisual com base em interações reais entre estudantes intercambistas falantes de línguas e pertencentes a culturas distintas. As conversas são eliciadas por cartões com perguntas voltadas para questões relacionadas às experiências interculturais dos participantes. Destarte, busca-se revelar como se constituem processos (auto-)reflexivos em dependência da língua e da cultura ao entrarem na interação por serem construídos reciprocamente pelos próprios participantes nos níveis verbal, paraverbal e não verbal. A seguir, as interações filmadas são transcritas no programa EXMARaLDA³ (SCHMIDT & WÖRNER 2009), de acordo com as convenções GAT 2 (SELTING ET AL. 2009).

O GAT 2, desenvolvido por 21 pesquisadores do campo da análise da conversação alemã (*Gesprächsanalyse*), substitui a unidade da versão norte-americana, TCU (*turn construction unit*), orientada pela troca de turnos (JEFFERSON 1985; SELTING 2005), pela frase entonacional (*Intonationsphrase*), a qual se caracteriza por um feixe de traços sintáticos e prosódicos (pausas, altura, volume, prolongamento etc.) que ocorrem simultaneamente, bem como por sua função pragmática na fala.

Em nossos encontros regulares no grupo de pesquisa para discutir problemas de transcrição (*data sessions*), também discutimos frequentemente possíveis avaliações distintas com relação a características prosódicas por parte do transcritor individual, ao qual é atribuída a tarefa de ter que decidir até que ponto certos aspectos prosódicos podem ser atribuídos ao modo de fala idiossincrático de um falante particular ou ao modo de fala de um grupo linguístico/cultural. Adicionalmente, o transcritor deve definir quando um aspecto é de fato relevante interacionalmente, a depender dos objetivos de pesquisa e do recorte de objetos.

A seguir, ilustraremos este ponto a partir de dois casos que marcam tendências prosódicas na fala brasileira e alemã sobre a experiência de alteridade, as quais nós entendemos como casos prototípicos e não idiossincráticos. Por questões de espaço, temos que prescindir das ilustrações realizadas por meio do Programa Praat neste artigo.⁴

³ <www.exmaralda.org>, acesso em 01/11/2015.

⁴ Praat é um programa para análises fonéticas de dados em áudio, desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink no *Institute of Phonetic Sciences* da Universidade Amsterdã, que também cria espectrogramas com base em sinais; <<http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>>. Para ver os gráficos do Praat para as sequências escolhidas, cf. Schröder & Mendes (2016), no prelo.

2. Análise

2.1 Exemplo brasileiro

A primeira sequência provém de uma interação com quatro intercambistas brasileiros na Universidade de Münster (Alemanha), onde realizaram intercâmbio acadêmico por um ano pelo programa *Ciência sem Fronteiras*. A coleta de dados foi feita pouco antes do seu retorno ao Brasil. No trecho escolhido para esta análise, uma brasileira observa que, na Alemanha, em oposição ao Brasil, mais pessoas comentam de forma explícita em público o comportamento inadequado do outro. A transcrição da sequência 1 encontra-se no anexo.

O contraste entre brasileiros e alemães é elaborado através da denominação de *category-bound activities* (SACKS 1992) opostas: ao passo que brasileiros não dizem nada quando alguém viola alguma regra social (L09, 11, 31-39), na Alemanha, há uma tendência maior à manifestação de opinião (L03-05, 42-43). De acordo com Selting (1994), podemos observar um estilo enfático forte na fala da participante, caracterizado por uma estilização rítmica e entonacional, com vários acentos, prolongamentos e um volume alto, os quais contribuem para destacar a emoção do contraste vivenciado. Nas linhas 03, 08 e 45, há curvas entonacionais descendentes e ascendentes; mais salientes ainda são os pulos entonacionais para cima acentuados (L 04, 08, 11, 14, 17, 19, 20, 28, 33, 37, 42 e 43) que nos parecem realçar a inconcebibilidade do enunciado, enquanto os participantes não se localizam nem na cultura brasileira e nem na cultura alemã. Por exemplo, em L36, B4 diz em relação ao Brasil: tá escrito lá não ouvir m_música sem FOne e se posiciona depois no nível paraverbal através de um grande pulo entonacional para cima, com o qual introduz o marcador adversativo *mas* para acrescentar, de forma indignada: ↑↑MAS todo mundo escUta;=.

O contraste entre os dois países é prosodicamente marcado também pelo *verum focus* (HÖHLE 1992) nas L19 e 43, pelo qual se destaca a validade e facticidade da descrição dada, no primeiro caso, de modo icônico, por refletir prosodicamente o que foi expresso semanticamente: é ↑ver!DA!de; marcado não verbalmente pela batida rítmica dos dois punhos nas coxas. Enquanto nas linhas 38 e 39, o acento está no pronome indefinido ́NAda, comprimindo a reação dos brasileiros perante a quebra da regra. O acento primário na linha 42 está no pronome demonstrativo DESSas e na linha 43, como *verum focus*, no verbo auxiliar ↑!VAI!, para salientar a reação oposta dos alemães na mesma situação, seguido por uma *extreme case formulation*

Schröder, U. A. / Mendes, M. C. – Meios prosódicos na fala alemã

(POMERANTZ 1986): [qual´quEr] `COIsa, polarizando de novo as duas *category-bound activities*.

Do mesmo modo, na linha 19, além do ritmo como indicação da fala enfática, também chama atenção o acréscimo da densidade de acentos na linha 20, ocorrendo simultaneamente ao falar ritmado, que é denominado *Skandierungen* por Auer, Couper-Kuhlen e Müller (1999): =brasileiro ↑nãO sAbe dizEr [ˈNãO.=]. Assim, reflete-se iconicamente a padronização do código desse comportamento brasileiro.

2.2 Exemplo alemão

A segunda sequência provém de uma interação entre quatro alemães, estudantes da Universidade de Münster, os quais realizaram intercâmbio de um ano pelo programa ERASMUS na Polônia (A1 e A2), na França (A3) e na Suécia (A4). A coleta de dados foi realizada pouco após o retorno deles a Münster. Também o exemplo alemão foi escolhido por refletir, de modo comprimido, características prototípicas da construção prosódica de alteridade entre os intercambistas alemães, destacando o momento contrastivo em oposição ao estilo brasileiro. A transcrição da sequência 2 encontra-se no anexo.

O tema que serve como *story prompt* (LERNER 1992) para a segunda sequência é a pergunta sobre diferenças culturais durante a estadia no exterior, por meio da qual os participantes responderam se houve diferenças e, em caso afirmativo, como os mesmos lidaram com isso. A1 inicia sua narração e A2, que morava junto a A1 no país anfitrião, assume o papel de co-narrador (*story consociate*, LERNER 1992; L18, 24-26, 28-29, 33 e 44).

Primeiramente, o que chama atenção é que meios estilísticos tais como o pulo entonacional e a fala melódica não se encontram na anedota alemã. Em contrapartida, dominam meios verbais, partículas com função estimativa, as quais, por sua vez, faltam na sequência brasileira: as partículas denominadas *Abtönungspartikeln* por Engel (2004: 442), como *also* (L01, 13, 23), *so* (L14, 24), *ja* (L44) e *halt* (L14, 25, 33, 34); as partículas denominadas *Rangierpartikel* por Engel (2004: 425), como *eigentlich* (L15); bem como a partícula modal (BURKHARDT 1994: 137) *irgendwie* (L34, 36, 39). Esta alta frequência de partículas (14 ocorrências) opõe-se à ausência do uso de partículas na sequência brasileira, o que se correlaciona com algumas pesquisas que apontam o fato de que no PB, muitas vezes, são os contornos entonacionais que dão ao ouvinte as pistas informacionais necessárias, as quais em alemão são dadas por meio da

Schröder, U. A. / Mendes, M. C. – Meios prosódicos na fala alemã
 codificação lexical (BLÜHDORN 2012: 257; AQUINO 2012; ARANTES 2016; FIGUEIREDO SILVA
 2012; FROTA, CRUZ & SVARTMAN, *no prelo*).

Em comparação com a fala brasileira, aqui, a fala alemã ocorre de modo hesitante, penetrada por inúmeras pausas, o que comprovam os prolongamentos frequentes (L01, 07, 08, 14, 25, 26), bem como o gaguejamento, o que vem à luz, de forma muito saliente, nas linhas 01, 09, 14 e 24. Além disso, há duas inserções metacomunicativas: a primeira ocorre na linha 15, após uma pausa curta, e é marcada por uma frequência baixa; concomitantemente, A1 dirige seu olhar exclusivamente para A2, com quem ela passou o intercâmbio na Polônia e o escolhe como próximo falante pelo autoreparo iniciado por si (SCHEGLOFF, SACKS & JEFFERSON 1977) que se refere, na terminologia de Schmitter e Adamzik (1982: 72) à adequabilidade das palavras escolhidas para a denominação do objeto. Nas linhas 43 e 44, A1 usa novamente um metacommentário, marcado também por uma frequência mais baixa: <<1> ich WEISS gar nich mehr genau [wAs sie geschrieben hat;>], e mais uma vez trata-se da relação entre o ato comunicativo e o objeto sobre o qual se fala, nesse caso, a questão central é a ‘apropriação da apresentação’ (SCHMITTER & ADAMZIK 1982: 72). No foco da narração, então, não se encontra a revivência do ocorrido, mas a retrospectiva analítica.

Uma última diferença em oposição às pistas de contextualização brasileiras está na qualidade da voz. Quando A2 assume partes da narração que constituem o cerne da experiência do ‘choque cultural’, ao invés do uso de um estilo enfático, no sentido de Selting (1994), marcado por contornos entonacionais fortes e densidade acentual, observa-se uma frequência contínua saliente junto a uma qualidade de voz entrecortada (L25-29; 44). Quando A2 cita os posts pejorativos de uma polonesa no Facebook sobre o travestismo do cantor Conchita Wurst, ele modula os enunciados com uma voz crepitante (*creaky voice*) que se torna mais baixa ao longo da fala, quase um sussurro.

O participante toma uma posição observadora e não apenas se distancia da pessoa que ele cita, mas também nega uma reprodução exata do ocorrido pelo uso de partículas modais como *halt* (L25) e *ja* (L44), bem como das expressões *und solche [sachen;]* (L29), *auf jeden fall* (L44) e *[und so:was;>]* (L44), para exibir vagueza. Ao invés de uma penetração recíproca das vozes da figura e do narrador por estilização, distorção e caricaturismo, em consonância com Günthner (1997), tem-se um comentário distante. Porém, também pode ser observado um efeito de choque entre os outros participantes, como comprovam suas reações (L27, 32, 45).

3. Considerações finais

No início, apresentamos nosso projeto de pesquisa *Comunicação (Inter-) Cultural em Interação*, no qual trabalhamos com transcrição e análise de línguas distintas em interação. Como nosso interesse toca em questões voltadas para a linguística interacional, antropológica e cognitiva, precisamos de um sistema de transcrição holístico, e estamos certos de que GAT 2 pode assumir esta função satisfatoriamente. O GAT 2 procede segundo o princípio da ‘casca de cebola’, isto é, permite que uma transcrição com baixa granularidade seja expandida sem revisão para um maior grau de granularidade, além de seguir os princípios de legibilidade, iconicidade e inteligibilidade máximas. Contudo, para a análise contrastiva, surgem problemas especialmente com relação ao critério de relevância da notação de elementos prosódicos e não verbais quando o transcritor precisa decidir quais são os fenômenos constitutivos para o significado e quais não são. Assim, certas oscilações entonacionais entre falantes do PB ainda podem ficar dentro da zona daquilo que etiquetamos como ‘não marcado’, ao passo que, entre falantes alemães, elas já poderiam assumir relevância contextual.

A partir do exemplo ‘experiência de alteridade’, mostramos quais são as diferenças dentre as pistas de contextualização utilizadas no nível prosódico em discussões entre brasileiros e entre alemães com relação às suas experiências interculturais durante seu intercâmbio estudantil, para ilustrar preferências culturais no uso de meios prosódicos.

Referências bibliográficas

- AQUINO, Marcell. *A função dinâmica das partículas modais alemãs ‘doch’ e ‘ja’ no ensino de línguas*. Dissertação de Mestrado. FALE/UFMG, Belo Horizonte, 2012.
- ARANTES, Poliana Coeli. Modalpartikeln: Eine pragmatische Gebrauchsanalyse im deutsch-portugiesischen Vergleich. In: JOHNEN, Thomas / SCHRÖDER, Ulrike / SAVEDRA, Mônica (eds.). *Sprachgebrauch im Kontext – die deutsche Sprache im Kontakt, Vergleich und in Interaktion mit Brasilien*. Stuttgart, ibidem, 2016, no prelo.
- AUER, Peter / COUPER KUHLEN, Elizabeth / MÜLLER, Frank E. *Language in Time: The rhythm and tempo of spoken interaction*. New York, Oxford University Press, 1999.
- BLÜHDORN, Hardarik. Intonation im Deutschen nur eine Frage des schönen Klangs? In: *Pandaemonium Germanicum* 16(22), 2013, 242–278.
- BURKHARDT, Arnim. Abtönungspartikeln im Deutschen: Bedeutung und Genese. In: *Zeitschrift für germanistische Linguistik* 22(2), 1994, 129–151.
- ENGEL, Ulrich. *Deutsche Grammatik. Neubearbeitung*. München, IUDICIUM, 2004.

- FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. A note on the prosody of focalized structures in Brazilian Portuguese. In: BIANCHI, Valentina / CHESI, Cristiano (eds.). *Enjoy Linguistics! Papers offered to Luigi Rizzi on the occasion of his 60th birthday*. Volume 1. Siena, CISCL Press, 2012, 141–149.
- FROTA, Sónia / CRUZ, Marisa / SVARTMAN, Flaviane et al. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In: FROTA, Sónia / PRIETO, Pilar (eds.). *Intonation in Romance*. Oxford, Oxford University Press, 2015, 235-283.
- GÜNTNER, Susanne. Stilisierungsverfahren in der Redewiedergabe – Die ‘Überlagerung von Stimmen’ als Mittel der moralischen Verurteilung in Vorwurfsrekonstruktionen. In: SELTING, Margret / SANDIG, Barbara (eds.). *Sprech- und Gesprächsstile*. Berlin, New York, Walter de Gruyter, 1997, 94–122.
- HÖHLE, Tilmann N. Über Verum-Fokus im Deutschen. In: JACOBS, Joachim (ed.). *Informationsstruktur und Grammatik*. Opladen, Westdeutscher Verlag, 1992, 112–141.
- JEFFERSON, Gail An exercise in the transcription and analysis of laughter. In: VAN DIJK, Teun (ed.). *Handbook of discourse analysis. Volume 2: Discourse and dialogue*. London, Academic Press, 1985, 25–34.
- LERNER, Gene. Assisted storytelling: deploying shared knowledge as a practical matter. In: *Qualitative Sociology* 15, 1992, 247–71.
- POMERANTZ, Anita. Extreme case formulations. A way of legitimizing claims. In: *Human Studies* 9(2), 1986, 219–229.
- SACKS, Harvey. *Lectures on Conversation: Volumes I and II*. Oxford, Blackwell, 1992.
- SCHEGLOFF, Emanuel A. / JEFFERSON, Gail / SACKS, Harvey. The preference for self-correction in the organization of repair in conversation. In: *Language* 53(2), 1977, 361–382.
- SCHMIDT, Thomas / WÖRNER, Kai. EXMARaLDA – Creating, analysing and sharing spoken language corpora for pragmatic research. In: *Pragmatics* 19, 2009, 565–582.
- SCHMITTER, Peter / ADAMZIK, Kirsten. Überlegungen zur Funktion von Metakommunikation. In: DETERING, Klaus / SCHMIDT-REDEFELDT, Jürgen / SUCHAROWSKI, Wolfgang (eds.). *Sprache beschreiben und erklären*. Akten des 16. Linguistischen Kolloquiums. Band 1. Tübingen, Niemeyer, 1984, 61–79.
- SELTING, Margret. Emphatic speech style – with special focus on the prosodic signaling of heightened emotive involvement in conversation. In: *Journal of Pragmatics* 22, 1994, 375–408.
- SCHRÖDER, Ulrike / CARNEIRO MENDES, Mariana. Unterschiede im Gebrauch und in der Funktion prosodischer Merkmale im deutschen und brasilianischen Sprechen im Kontext des Transkribierens. In: JOHNEN, Thomas / SCHRÖDER, Ulrike / SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães (eds.). *Sprachgebrauch im Kontext – die deutsche Sprache im Kontakt, Vergleich und in Interaktion mit Lateinamerika/Brasilien*. Stuttgart, ibidem, 2016, no prelo.
- SELTING, Margret. Syntax and prosody as methods for the construction and identification of turn-constructional units in conversation. In: HAKULINEN, Auli / SELTING, Margret (eds.). *Syntax and Lexis in Conversation*. Amsterdam, John Benjamins, 2005, 17–44.
- SELTING, Margreth / AUER, Peter / BARTH-WEINGARTEN, Dagmar et al. Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem 2 (GAT 2). In: *Gesprächsforschung – Online-Zeitschrift zur verbalen Interaktion* 10, 2009, 353–402.

Anexo

Sequência 1 – Brasileiros em Münster 2 ((27:22-28:11))

01 B2: [((ri))]
 02 B3: [<<rindo> dePENde.>]
 03 B4: [o que 'acon`TEce aqui é;]
 04 <<acc> que se você esti↑VER fazendo alguma coisa errA:da-
 05 a pes/[todo mundo]
 06 B2: [ah É:;=]
 B4: [vai] intromeTER.>=°h
 07 B2: [=isso É.]
 08 [e `ela escreveu ↑no BLO:G;]
 09 B2: [<<rindo> e a gente NÃO.>]
 10 B4: tamBÉM.
 11 e a gente <<f> ↑!NÃO!.>
 12 B2: é:.
 13 [(cê vê foi só o que ela falou/fal)lou um trem erRA] [do e::-]
 14 B4: [que: é o é o que ↑ela faLOU;]
 15 [brasi]
 `!LEI!ro GE:Nte.
 16 eu percebi isso aQUI;=
 17 =e eu tenho lido ↑MUIto isso em blogs [que comentam]
 18 B2: [m_HUM.]
 B4: as diferenças cultuRAIS,
 19 <<bate com os punhos em ritmo junto à fala às suas coxas> e
 é ↑ver!DA!de.=
 20 =brasileiro ↑nãO sAbe dizEr [`NÃO.=]
 21 B2: [é_É.]
 22 B4: =não SA:be:;>
 23 B2: ((ri))
 24 [((ri))]
 25 B4: [lidar com conFLIto.]
 26 B3: m_HUM.
 27 B4: TIpo:;
 28 [é aquela o exemplo que ela ↑uSOU.=]
 29 B2: [é assim que o conflito todo FOR] [ma,]
 30 B4: [=SAbe;=]

Schröder, U. A. / Mendes, M. C. – Meios prosódicos na fala alemã

- 31 =no no: Ônibus.=
 32 =povo escutando música ALta.
 33 << bate com os punhos em ritmo junto à fala às suas coxas >
 e↑xiste a REgra;=
 34 =não pode escuTAR [música] a:lta.
 35 B2: [é.]
 36 B4: tá escrito lá nãO ouvir m_música sem FOne.>
 37 ↑↑MAS todo mundo escÚta;=
 38 =e o trocador não fala ´NAda,=
 39 =e o: [e o motorista do ônibus não fala ´NAda,]
 40 B2: [é o lugar pra GRÁvida.]
 41 B3: [m_HUM;]
 42 B4: [a]↑qui velho (.) se cê fizer uma coisa DESSas;
 43 o motorista [do ônibus ↑!VAI! te xingar;=sAbe.]
 44 [((B1, B2 e B3 riem))]
 45 B4: [qual´quEr] `COIsa.
 46 B3: [eu fiz ISso.]
 47 [((B1 e B2 riem))]

Sequência 2 - Intercambistas alemães em Münster 2 ((06:27-07:30))

- 01 A1: also: (.) ganz großes thema hatten wir mal (.)
 zwischendUrch (.) nachde:m: (--) äh:: der euvision (-)
 <<preciso> eurovision> SONGcontest war.
 02 A2: [HM_m,]
 03 A3: [ja,]
 04 A1: °h (.) und conchita WURST gewonnen hat? (-)
 05 A3: ja,
 06 (0.8)
 07 A1: un:d äh:m:;
 08 (0.6) EIne:;
 09 das war die präsiDENTin (-) vom (-) äh erAsmus (.) student
 network;
 10 A2: ja;
 11 [<<com dedo levantado> die] [präsiDENTin.>]
 12 A1: [DIE hat dann die gAnze,]
 13 [also ne POLin.]
 14 die hat dann die gAnze zeit auf (.) auf facebook (-) so::
 (-) SAchen gepostet die halt ganz kla::r;

Schröder, U. A. / Mendes, M. C. – Meios prosódicos na fala alemã

- 15 (0.5) <<olha para A2, l> was ISSer eigentlich (-) trans/-
 16 nee (.) transGENder is_er Au_nich;
 17 (1.1) [transvestIT,>]
 18 A2: [<<p> transvestIT,>]
 19 A1: ja:;
 20 A1: [ja;]
 21 A3: [ja:;]
 22 A1: transvestITenfeindlich wa:ren,
 23 also (-) GANZ ganz kla:r,
 24 A2: ja: (.) so bilder <<desenha com os dedos imagens na mesa>
 wie (.) WRONG evolution;>
 25 <<destimbrado> wo dann halt (.) die evoluTION drauf wa:r-
 26 [und dann als] letztes kam (.) conchita WU:RST,>
 27 A3: [<<pp> oh KRASS;>]
 28 A2: mit nem schritt zuRÜCK,
 29 (.) und solche [sachen;]
 30 A3: [((ri levamente))]
 31 A1: [ja:;]
 32 A4: [<<rindo> oh]
 33 A2: halt [RICHTig; ((alonga seus punhos, olha para a camara))]
 A4: [°h (krass);>]
 34 A1: [(wo) UNS halt]
 irgendwie 'NIEmand was dazu geschrieEben hat;
 35 und ICH hab dann irgendwann drUnter geschrieben;
 36 so: dass wir (.) dass wir FROH sein sollten dass irgendwie
 eurOpa so weit is,
 37 und so tolerANT is;
 38 und
 39 A2: ja-
 A1: man irgendwie akzeptIERT dass es da mEhr gibt als nur
 männlich und weiblich,
 40 und SIE fing dann an-
 41 (1.7)
 42 A2: ja:;
 43 A1: <<l> ich WEISS gar nich mehr genau
 [wAs sie geschrieben hat;>]
 44 A2: [hat auf jeden fall diese SACHen ge]schrieben dass das ja
 ähnlich wär <<destimbrado> wie ne krAnkheit [und so:was;>]
 45 A3: [ach KRASS;]